

## **POR UMA LITERATURA MENOR NA SALA DE AULA: O CANTO DO MOVIMENTO DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS (MMTR) DE INHAMBUPE**

Sandra Freitas de Carvalho Cruz (Pós-Crítica/UNEB)

O que move um pesquisador é a curiosidade, são as interrogações intermináveis que nos fazem ler inúmeras teorias, além de nos instigar muitas vezes a ir a campo para percebermos como tanta teoria pode nos ajudar a pensar a vida e na sede de responder os porquês, acabamos por visitar campos que inicialmente nem pensamos em percorrer. Inevitavelmente descobrimos que nosso objeto de pesquisa não é um objeto estático, não é um corpo acabado, percebemos que há múltiplas formas de refletirmos sobre o mesmo.

Nesse sentido é que o projeto de mestrado intitulado “Por uma literatura menor na sala de aula: o canto do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR) de Inhambupe, vem se delineando e ganhando novos contornos \_ embora o que norteia a pesquisa ainda seja a pergunta, por que os cantos do MMTR de Inhambupe não eram trabalhados em salas de aula nas escolas do município de Inhambupe, apesar do seu potencial literário, político e cultural e também, por que o Movimento não poderia entrar nas escolas em 2015, período em que essa pesquisa foi iniciada ainda na minha graduação? \_ outras questões surgiram, como: Que literatura está na sala de aula? Quem define qual literatura é digna de ser estudada nas escolas? Quem define o cânone literário? O cânone literário brasileiro abrange as mulheres escritoras? Que lugar a literatura oral ocupa nesse cenário? Os cantos do MMTR de Inhambupe poderiam estar também nas salas de aula das universidades?

Assim, nesse processo de busca por pistas que nos levem não a responder, mas a refletirmos sobre como se delinea o processo de construção dos saberes e nesse sentido como as instituições que legitimam o saber, escolas e universidades, interferem sobre o modo de pensar dos sujeitos, é que seguimos fazendo leituras teóricas, vivenciamos alguns momentos com as integrantes do MMTR de Inhambupe, como o dia oito de março de 2018, que fomos até o município e participamos das apresentações culturais do Movimento. Rastreamos pistas também por meio das conversas que tivemos em alguns momentos. Posteriormente realizaremos uma entrevista com a líder do referido Movimento, Maria Helena Byna Leys.

O Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR) é um movimento presente em todo nordeste brasileiro, que surgiu na década de 80, inicialmente nas regiões do Pernambuco e da Paraíba. A sede do Movimento foi fundada somente em 31 de outubro de 1993, em Caruaru – PE. O MMTR de Inhambupe existe no município desde 1987 e desde então tem sido de fundamental importância para o empoderamento das mulheres do campo. As mesmas conquistaram alguns direitos básicos para o exercício da cidadania, como adquirirem seus documentos de identidade, pois muitas não o possuíam, isso dificultava a garantia de outros direitos, como o de assumir uma

profissão, por exemplo. Até então as mulheres trabalhavam nas roças, mas eram consideradas apenas como ajudantes dos maridos. Logo, não recebiam nenhuma remuneração pelo seu trabalho, não poderiam se aposentar, nem conseguir empréstimos junto aos bancos para investirem nas suas atividades rurais. Todavia, é importante pontuar que essa campanha de documentação não beneficiou apenas as mulheres, já que muitos homens não possuíam documentos também, ou não possuíam todos os documentos. Assim o MMTR de Inhambupe tem beneficiado não somente as mulheres, mas também muitas outras questões em torno do trabalho no campo.

Contudo, a grande maioria dos trabalhadores rurais sem documentos eram mulheres, que estavam sob tutela dos maridos. Maria Helena Byna Leys, diz que as mulheres trabalhavam tanto ou mais que os homens no plantio de maracujá, mas não ganhavam nada por isso e que ainda hoje é comum as mulheres comprarem objetos e deixarem sob usos e frutos dos maridos. Em uma palestra que a Maria Helena deu esse ano na UNEB- Campus II, ela conta que uma das integrantes do Movimento comprou uma moto e colocou o documento do bem no nome do marido, então as amigas integrantes do movimento, a orientaram a se apossar do seu objeto. Maria Helena diz que ainda é muito grande a dominação masculina na zona rural do município de Inhambupe, mas que elas continuam lutando e que já tiveram muitas conquistas. O Pronafmulher é uma delas, um empréstimo concedido somente às mulheres trabalhadoras rurais e por meio desse projeto muitas mulheres conseguiram financiar a compra não só de instrumentos e insumos agrícolas, como também financiaram a compra de suas terras e ao conquistarem sua independência financeira, muitas mulheres acabaram por se divorciarem. O que nos permite inferir que o fator econômico e conseqüentemente o trabalho interferem na relação conjugal, ainda hoje muitas mulheres vivem submissas aos maridos porque não têm dinheiro para se manterem.

Nesse momento, queremos chamar atenção para um dos cantos produzidos/entoados pelas integrantes do MMTR de Inhambupe.

MMTR JÁ CHEGOU A SUA HORA  
QUER VIM PRA CÁ VENHA, QUERO VER VOCÊ AGORA  
Tem Movimento no Brasil, tem Movimento na Bahia,  
Movimento em Inhambupe, Movimento em Sátiro Dias,  
**Trabalhadora Rural quero ver você agora (bis)**  
Tem as representantes e as coordenadoras  
Tem as associadas e as assessoras. **Trabalhadora...**  
Trabalhamos a saúde, trabalhamos os documentos  
A profissão de Lavradora, certidão de casamento. **Trabalhadora...**  
O salário maternidade é um direito da mulher  
A mulher que recebeu sabe bem o que é. **Trabalhadora...**  
Mulher da zona rural, elas são trabalhadoras  
Ainda fazem comida, são coordenadoras. **Trabalhadora...**  
Mulher da zona urbana venha nos valorizar  
Acredite em nossas lutas, que aqui tem seu lugar. **Trabalhadora...**  
O dia 8 de março é o dia da mulher  
Nós mostramos a nossa luta e também a nossa fé. **Trabalhadora...**

Nesse canto, fica evidente a valorização do adjetivo “trabalhadora”, ele se repete em inúmeras vezes como um eco, que necessita ser reafirmado para que a sociedade as considere trabalhadora. Provavelmente porque, como vimos, essas mulheres foram por muito tempo consideradas ajudantes dos maridos. Assim, foram invisibilizadas desse papel de trabalhadora, hoje elas se declaram lavradoras.

Além disso, podemos perceber que esse canto é uma forma de apresentação do Movimento, inicialmente as cantoras/autoras esclarecem que o MMTR não é um Movimento apenas local; depois vem apontando como ele está estruturado, tem as representantes, as coordenadoras, as associadas e as assessoras; e segue falando da importância de terem conquistado seus documentos. No canto, as mulheres também admitem que continuam fazendo as atividades domésticas, trabalham no campo e são coordenadoras do Movimento, assim elas assumem diferentes papéis, fazendo seus leitores/ouvintes perceberem que essas mulheres que vivem na roça, no interior do Estado da Bahia estão reinventando o sentido do ser mulher e munidas de muita consciência política, lutam reunidas e convidam outras mulheres a lutarem contra um poder hegemônico que há muito tem tentado condená-las à viverem limitadas no mundo privado, então por meio dos cantos as trabalhadoras rurais pedem valorização também das mulheres da zona urbana.

Na última estrofe elas dizem: “O dia 8 de março é o dia da mulher, nós mostramos a nossa luta e também a nossa fé. Trabalhadora...” nos apresentando mais uma vez como funciona o Movimento, pois ao vivenciar o dia da mulher com o MMTR de Inhambupe podemos perceber como as mesmas estão envolvidas com a fé católica, mas que não usam essa fé de forma conformista, ao contrário elas louvam a Jesus e aos Santos e cantam seus cânticos de luta, divulgam o Movimento. Teve um momento de premiação para as integrantes mais assíduas às reuniões do MMTR, distribuíram panfletos e revistas informativas sobre os direitos das mulheres, sobre como cultivar a terra e dicas de empreendedorismo.

Assim, percebemos que os cantos se confundem com as vidas/lutas do MMTR de Inhambupe, que os mesmos funcionam como arma de luta, pela igualdade de gênero, pela igualdade de oportunidade no trabalho, pelo respeito às mulheres, sobretudo as do campo, que ainda sofrem com o estigma de roceiras, quase sempre vistas como incapazes, de menor potencial intelectual e o fato de muitas ainda serem analfabetas acaba por fortalecer esse estigma. Partindo da noção que temos de conhecimento, como algo, geralmente, condicionado ao domínio do sistema gráfico.

Nesse ponto faz-se necessário relatar que trouxemos para sala de aula da UNEB – Campus II, por meio do tirocínio, provocações como: O que é o cânone? Como ele se constitui? A história da literatura tem gênero? Cadê as mulheres escritoras nas principais historiografias literárias? E a literatura oral? E a mulher na literatura Oral?

Nessa perspectiva é que na disciplina “Cânones e contextos da literatura”, optamos por trabalhar com uma literatura não canonizada, os cantos do MMTR de Inhambupe, um dos objetivos dessa iniciativa, foi perceber como trabalhar com os cantos, com o texto/vida dessas mulheres, poderia interferir na construção/desconstrução na forma de pensar as relações de gênero e sobretudo a mulher trabalhadora rural. Além de provocar algumas reflexões críticas entorno da construção do cânone literário. Para tanto, lemos e discutimos autores como Jessé Souza, que faz uma reflexão/crítica as formas de dominação de uma classe sobre outra e como esse sistema é tão bem falseado pela elite que parece não existir. Discutimos sobre as interdições do discurso, apontadas por Foucault. Seguimos com Culler que nos aponta para os estudos culturais como um movimento que amplia o sentido do termo literatura, esse conhecimento surge como uma prática social que deve ser visto considerando o contexto em que foi produzido e quem o produziu. Depois adentramos mais especificadamente no campo das letras, com o texto: *Cânon*, de Roberto Reis. Esse autor critica a construção do cânone, afirmando que sua existência é um problema, pois implica na seleção de uns textos/autores e consequentemente na exclusão de outros, afirmando que o cânone é uma construção social, que envolve relações de poder.

Para pensarmos mulher e cânone lemos autoras como Zahidé Muzart, a qual faz um mapeamento da existência de mulheres escritoras no século XIX e uma crítica à historiografia literária que silencia essas mulheres. Lemos também o texto: *A história da literatura tem gênero? Notas do tempo (In)acabado de um projeto*, de Rita Schmidt, que afirma:

As nossas histórias da literatura tem sistematicamente reescrito e afirmado o binarismo de gênero como dispositivo de controle fazendo da diferença masculino/feminino um operador ideológico com a função estratégica de defini-la opositiva e assimétrica, legitimando a sua codificação na tradição literária através do gênero da autoria, de certas linguagens, convenções e estruturas textuais que, via de regra, ratificam poderes hegemônicos nos campos sociais, culturais e políticos (1995, p. 3).

Ratificando assim, que a história da literatura é construída basicamente por uma listagem de aurores na sua maioria homens e que a mesma funciona ou tenta funcionar como dispositivo de controle social, cultural e político. A autora segue nos alertando que pensar a história da literatura brasileira é também pensar nos limites de seus modelos e pensar em gênero, portanto, não é uma questão da vida privada, mas sim da vida social. Logo, faz-se necessário ler, refletir e discutir textos produzidos por mulheres e assim fazer esses discursos infiltrarem em todos os meios sociais possíveis, sobretudo os de produção e legitimação do saber, escolas e universidade.

Nessa perspectiva é que, movida pelo desejo de dar voz a mulheres que sofreram fortes pressões no sentido de serem silenciadas, mas que não calaram, apenas tiveram suas vozes sufocadas, é que a pesquisadora Jailma Pedreira escreve “*Sob a luz de Lampião: Maria Bonita e o Movimento da subjetividade de mulheres sertanejas*” (2016). Nessa obra, a autora estuda a

personagem de Maria Bonita, na peça Lampião de Raquel de Queiroz, fazendo uma relação com as mulheres sertanejas e a própria Maria Bonita. Mas pensando também a literatura nesse contexto, Pedreira afirma: “. constatei que a literatura era tida apenas como arte do prazer cujo poder estaria em seu retratamento fiel dos fatos sociais” (p. 184). Ela usa essa frase para referir-se aos anos 2002, ano em que ocorreu o VIII simpósio promovido pelo NEIM, logo se trata de um tempo recente. Ainda hoje, no geral, essa é a concepção que temos de literatura e é com esse pensamento que as aulas de literatura nas escolas são ministradas. A literatura seria um conhecimento para ler, ver, ouvir, até relacionar com o cotidiano, mas depois esquecer, ou seja, sem nenhuma outra capacidade politizadora, sem poder nenhum de intervenção: rebaixada à ineficiência. (PEDREIRA, 185).

Todavia, vimos que a literatura produzida/entoada pelo Movimento de Mulheres Movimento de Mulheres Trabalhadora Rurais (MMTR) de Inhambupe tem um forte potencial político e cultural, é um texto que se confunde com as vidas/lutas dessas mulheres, é o meio pelo qual elas falam de si, elas divulgam o Movimento, elas atraem outras mulheres, crianças, adolescente, homens para a o samba de roda, como podemos ver no dia 08 de março desse ano. Elas se reinventam, isso ficou evidente nas aulas de literatura durante o tirocínio na turma do quarto semestre de letras vernáculas, quando ao expor um dos cantos nos slides as alunas disseram que aquele canto havia mudado a imagem que elas tinham construída sobre mulher trabalhadora rural, pois para as mesmas a mulher da roça era aquela pessoa que com um lenço na cabeça trabalhando na roça com uma enxada ou na casa fazendo os afazeres domésticos. Elas disseram: mas elas pensam, elas são muito politizadas. É isso que queremos divulgar, que essas mulheres pensam, que nós mulheres pensamos, que nós mulheres fazemos história e como diz Salete Maria da Silva, Cordelista estudada por Francisca Santo:

Mulheres **Fazem** política  
**Fazem** aborto e quermesse  
**Fazem** paz e **fazem** crítica  
**Fazem** jogo e **fazem** prece  
Mulheres **fazem** plantão  
**Fazem** bem depilação  
**Fazem** tudo que acontece

Assim, com esses versos retirados de uma arte desprezada pela historiografia literária, que não compõem os principais arquivos que alimenta a história da literatura brasileira, a arte popular e nesse bojo estão os cantos do MMTR de Inhambupe, é que queremos encerrar nossas palavras, por hora, e acrescentando uma provocação que nos leva e ler mais, a pesquisar mais: Será que essa literatura é impotente? Será que essa literatura não tem poder de intervenção?

## REFERÊNCIAS

CULLER, Jonathan. *Literatura e estudos culturais*. In: Teoria literária: uma introdução. São Paulo. Becca, 1999. p. 48-58.

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix – Kafka: *Por uma literatura menor*. 1a Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. ISBN 978-85-8217-312-1. Tradução: Cíntia Vieira da Silva.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. *Sob a luz de Lampião Maria Bonita e o Movimento da subjetividade de mulheres sertanejas*. Salvador: EDUNEB, 2016.
- MUZART, Zhaiddé Lupinacci. A questão do cânone. *Anuário de Literatura*, v. 3, n. 3, p. 85 -93, 1995.
- REIS, Roberto. *Cânon*. Palavras da crítica. Rio de Janeiro: Imago, 1992. Disponível em < <http://paginas.terra.com.br/artedubioergosum/arquivo78.htm> >.
- SANTOS. Francisca Pedreira dos. *Mulheres fazem... cordéis*. Revista Grafhos. João Pessoa, v. 8, n. 1, jan./jun. 2006
- SILVA, Andréa Betânea. Relações de gênero na cantoria: sobre cantadoras e cantadores, o qual se inicia na página. In: *Entre pés – de – parede e festivais: rota (as) das poéticas orais na cantoria de improviso*. Sistema de biblioteca da UFBA. Salvador, v. 1. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br>.
- SCMIDT, Rita Terezinha. *A história da literatura tem gênero? Notas do tempo (in)acabado de um projeto*. Disponível em: [ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/x-sihl/media/mesa-7](http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/x-sihl/media/mesa-7)
- SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira ou como o país se deixa manipular pela elite*. São Paulo: Le Ya, 2015.
- MOVIMENTO DAS MULHERES TRABALHADORAS RURAIS – SEM MEDO DE SER FELIZ: Livreto de canto do Movimento. Bahia, março. 2003.
- SALVE O DIA INTERNACIONAL DA MULHER - TRABALHADORA RURAL DECLARE SUA PROFISSÃO. Livreto de Cantos. Bahia, março. 2007.